

TEIA ANDROCÊNTRICA E FILOSOFIA GINISTA

Marie Pauline Eboh

EBOH, Marie Pauline. Teia Androcêntrica e Filosofia Ginista. Tradução para uso didático de: EBOH, Marie Pauline. Androcentric web and gynist philosophy. **Quest: An African Journal of Philosophy**. Vol. XIV, No. 1-2, 2000, p. 103-111 por Olga Rodrigues de Lima Souza.

Introdução

O filósofo Protágoras fez uma asserção existencial ao declarar que “o homem é a medida de todas as coisas”. Sem dúvida, ele usou o termo ‘homem’ no sentido genérico. Todavia, a experiência, melhor professora, tem provado que “a medida de todas as coisas” não é o homem em sentido genérico, mas sim em sentido de gênero (masculino), em oposição à mulher. De fato, o homem não é apenas o parâmetro para todo tipo de habilidades, especialmente as de trabalho e força física, mas também um ponto de referência na criação das palavras.

Este trabalho se propõe a fazer três coisas (i) formular a teoria ginista e realizar análises literárias e hermenêuticas de alguns conceitos, afim de provar que as palavras são sempre construídas por uma perspectiva masculina, (ii) expor os argumentos de um homem africano, que acredita firmemente que questões relativas à mulher nada têm a ver com as mulheres africanas, e (iii) explicar a essência do ginismo.

O homem, na teoria ginista é, paradoxalmente, um doador generoso e despótico. Na verdade, ele é o Donatus, e todas as outras criaturas não passam de beneficiárias de suas “generosidades”. Donatus tanto doou suas ideias e masculinidade, que suas doações se tornaram uma teia intrincada de aprisionamento para seus beneficiários. Isto porque seus presentes de grego foram bem disseminados, desde conceptualizações até o mais concreto campo das habilidades físicas. Por exemplo, sua “indulgencia” ao ‘segundo sexo’ é tanta, que a mulher pode apenas ser definida a partir de termos em que o homem julga que ela deve ser nomeada depois dele: Wo/man, Fe/male. O ‘man’ em ‘woman’ e o ‘male’ em ‘female’ são parte de suas doações conceituais. A consequência natural para esta concepção é a ideia de que a mulher é dita apenas em função do homem. Ele disfarçou tão bem seus rastros que sua rede de representações dificilmente pode ser criticada. Devido sua desenvoltura no domínio físico, ele habilmente nomeou a si mesmo *fat/her*, pois ele *fattens her up*, ou seja, “a engorda” com a gravidez por meio de suas doações espermáticas. Obviamente, “não existe almoço grátis”, e “pra quem muito foi dado, muito será cobrado”. Essa é a base racional para que a mulher seja chamada *m/other*. Ela existe para ser “*other-oriented*”: para pensar o bem estar do outro e proporcionar isto. Ou seja, mostrar mais preocupação e dar preferência ao “outro” em detrimento de si própria. Donatus

a designou esse singelo papel – se desdobrar e ser desdobrada em função do “outro” - em troca de todos os seus “presentes” conceituais e disposições físicas.

Entretanto, a mulher não desistiu sem lutar. Mesmo após dominada, não era de fácil sujeição. De fato, em Igbo a mulher é chamada *nwanyị* (*O nyiri nwoke*): aquela que não pode ser superada pelo homem, enquanto o marido é ‘di’: aquele que deve nascer com paciência. As mulheres se rebelaram incontáveis vezes, mas sempre que o faziam eram punidas com violência doméstica. Como Donatus é fisicamente o mais forte entre os dois, usou de constante coerção para domesticar a mãe por um longo período de tempo, até que ela passou, a contragosto, a aceitar a subserviência

Ao longo dos anos suas descendentes protestaram individualmente contra esta condição sub-humana, mas Donatus consistentemente reprimiu tais protestos através da intimidação. “Afinal”, ele disse, “eu engravidei você, eu posso fazer e desfazer”. Em fúria coletiva elas começaram a questionar energicamente o status quo e a rejeitar a vitimização e domesticidade. Este foi o nascimento do ginismo. Elas se comprometeram a estudar e documentar a etiologia do tratamento desumano dado pelo pai à mãe, e a lutar por emancipação e oportunidades iguais para homens e mulheres, assim como a lutar contra a hegemonia repressiva e exploradora estrangeira.

Rede Conceitual

Reflexões epistemológicas mostram que as palavras e os conceitos são isolados masculinamente por dentro e revestidos masculinamente por fora. Isto é um emaranhado de ciladas. Quanto mais as mulheres tentam fugir desse arrastão androcêntrico draconiano, mais se deparam com surpresas. As análises literárias e hermenêuticas de *father* e *mother*, *nwanyị* e *di* feitas acima revelam que as palavras são dotadas de gênero a partir das perspectivas masculinas. Até mesmo o termo *female* originou-se de “*earlier femelle*” significando “influenciada pelo masculino”. No sentido léxico ou na função gramatical, a terminação de *feminine* é uma sílaba átona no final de uma frase ou verso, e uma rima feminina é a rima entre palavras em que uma, duas ou mais sílabas átonas seguem uma que é tônica. Uma flor feminina é aquela em que “falta, ou se tem estames não funcionais”. Isto implica passividade, em oposição à atividade masculina. Ser a fêmea significa “ter uma cavidade interna no interior da qual a contraparte masculina possa ser ajustada”¹

¹ P. Hanks (ed.), Collins English Dictionary, Collins, London & Glasgow, 1979, p. 534

Isso é tudo que significa para eles. Homens não apenas nomeiam, mas se utilizam das questões da mulher para servir a si mesmos.

Polêmicas

O assunto em questão não é apenas a linguagem. Nós escolhemos a linguagem apenas porque ela reflete o modus operandi social e nos dá um discernimento acerca da mente do homem, pois pensar e agir são apenas duas facetas de uma mesma realidade. A ação é somente a realização de ideias concebidas na mente. É, por isso, lamentável que Mbachu possa concluir que, por algumas línguas africanas não possuírem pronomes para designar ele ou ela, a questão de gênero é um problema peculiar ao ocidente e à América, uma vez que a controvérsia de gênero não surge e não deverá surgir no vocabulário africano, e que “o pior disso é fazer de uma imitação ideológica um problema universal, pois não pode haver justificativa moral para reivindicação tão arrogante, já que várias nações não compartilham da mesma experiência cultural que os protagonistas [a quem se imita]”². Felizmente, Mbachu vem de Igboland, aonde é um grande insulto chamar um homem de mulher, enquanto é uma honra para a mulher se chamada de homem. O que significa que, apesar da falta dos pronomes ele/ela, homens e mulheres não estão, definitivamente, em paridade na África. A desigualdade de gênero é a mesma em todo lugar. Então, o problema que surge com a subordinação da mulher é necessariamente universal. Além disso, se os africanos falam e realizam negócios com a língua dos mestres colonizadores, então eles devem ter incorporado as filosofias, ontologias de gênero e conceitos androcêntricos ocidentais. Por isso, as políticas de emancipação feministas devem se aplicar à África. Entretanto, o sexismo é historicamente anterior ao colonialismo, porque políticas de gênero existem nas nações africanas muito antes da invasão colonial, dado que as mulheres estavam na política mas não faziam parte dela. Os Igbos, por exemplo, exerciam a gerontocracia e democracia de consenso, mas as mulheres não faziam parte do fórum dos anciãos. O que significa que elas eram excluídas do corpo de decisões. Essa segregação sexista equivale à marginalização e violação de seus direitos humanos e liberdades fundamentais. Apenas dois dias atrás, a Nigerian Television Authority (NTA) entrevistou homens acerca do espancamento de esposas e, entre todos eles, somente um nunca havia batido em sua esposa antes. Para o restante, a violência doméstica é um processo normal para trazer a mulher de volta a seus sentidos. A atitude dos homens africanos com relação às mulheres é discriminatória e exploradora. “Homens brancos observadores da cultura africana nos séculos 18 e 19 ficaram

² Anacleto Uche Mbachu, "Feminism: The Gender Controversy" in *Skepticos*, Vol. 1 No 5, Ibadan, 1995, p. 40

estupefatos e impressionados com a subordinação masculina ante as mulheres da África. Eles não eram acostumados à sociedade patriarcal que exigia não somente que as mulheres aceitassem um status inferior, mas que elas participassem ativamente na comunidade da força de trabalho.”³ Conseqüentemente, a repressão e exploração da mulher é mais africana que ocidental. Então, do que Mbachu está falando? Ele é também ignorante quanto ao ataque pornográfico à dignidade das mulheres ao redor do mundo e da exploração da mulher na publicidade?

Mbachu traçou a origem da palavra ‘man’ em várias línguas enquanto tentava provar o óbvio. Todo mundo sabe que o termo ‘man’ pode ser usado no sentido genérico, para além do sentido de gênero, mas sempre que o homem é dito em oposição a mulher, ela é compreendida como a última. Não há sentido em reduzir o problema da marginalização da mulher a, puramente, antinomia linguística ou polêmicas abstratas e meras semânticas. O problema é real. Ele não pode ser deixado pra lá. Mbachu fez uma zombaria ao uso moderno do termo *chairperson* em lugar de *chairman*. Como ele disse, o termo *chairperson* é utilizado para substituir *chairman* por causa de suas “exclusividades concebidas”. O termo *chairman* foi cunhado “a partir da palavra *man*”. Como uma ação, “*man an occasion*” significa cuidar, supervisionar e ou controlar. Se removemos “*chair*” [cadeira] o significado permanece o mesmo. Se dissermos: “*Who is to man the gate?*” Continuaremos a dizer a mesma coisa. Mas se dissermos “*chairperson*” e removemos o prefixo, apenas “*person*” [pessoa] permanece. Agora podemos dizer “*Who will person the gate or the position?*” Seria absurdo dizer tal coisa. Portanto, “*chairperson*” é depreciativo aos nossos pensamentos inteligíveis.⁴ Pobre cadeira! Se você fosse masculina, Mbachu teria lutado por você mas, como mulher, você é rebaixada. As pessoas, por isso mesmo, sentam em você. Esta é provavelmente a razão de não ocorrer a ele que “*to chair an occasion*” é presidir uma ocasião, e ocupar a “cadeira” é presidir como um *chairman*. A conclusão rapsódica de Mbachu o define, de longe, como um machista. Ele escreve: Todo o argumento desenvolvido pelas feministas sobre este tema pode ser adequadamente chamado falácia linguística. Isso porque seus argumentos falharam em considerar a compreensão e extensão da ideia de homem. Embora suas razões soem plausíveis, continuam revelando-se muito mais porosas, muito menos substanciais do que aparentam em princípio. Além do mais, há uma ironia dolorosa na nova imagem de homem que apresentam. Um homem cuja identidade histórica ou conformidade é negada. Com isso elas criaram uma imagem degradante no desenvolvimento do sexo

³ B.C. Okolo, "The Igbo Church and Liberation Motif" In The Igbo Church and Quest for God. Ed. Chukwudum B. Okolo. Obosi: Pacific College Press Ltd., 1985, pp. 89115

⁴ Anaclet Uche Mbachu, op. cit., p.40

masculino.⁵ [ênfase minha] Ele considera “dolorosa” a “nova imagem do homem”, “ um homem cuja identidade histórica... é negada”, “uma imagem degradante”. Estas são notícias bem vindas, porque é por esse sofrimento mental que as mulheres vêm passando e, estranhamente, é pelo mesmo motivo que estão lutando. Assim sendo, quando isto é uma preocupação da mulher está correto, natural, tradicional e feito por Deus, mas quando se dá com os homens é “doloroso”. O que significa que há dois parâmetros diferentes usados para os dois gêneros. Por que isto que é considerado bom para a pata, não é igualmente bom para o pato? Isto significa que as mulheres africanas são discriminadas. Entretanto, é bom que os homens estejam começando a sentir o aperto da perda de identidade, da imagem negativa e de como é ser a persona non grata. Este é um degrau em direção a cura do solipsismo masculino, do pensamento, do discurso e das ações como se homens representassem o universo inteiro.

Continuando sua conclusão, Mbachu escreveu que uma congregação de freiras substituiu o termo *man* [homem] nos salmos com a palavra *daughter* [filha] por que elas não são homens, alterando assim as implicações cristológicas já que a imagem do homem no velho testamento é pressuposta na de Cristo. Citando Ps 8:4 “O que são os seres humanos para que se dispense o pensamento a eles? Ou a criança de Adão, para que se importa com ele?” Mbachu comenta: “nesse texto, “homem” é substituído por “ser humano” e “filho” por criança. Ironicamente o pronome “ele” é retido. Mas quem é a criança, que não é um homem mas ao mesmo tempo “ele”? Nós apreciamos a dedicação do tradutor. Isto serve como um bom exemplo do que designamos rede androcêntrica intrincada. Aquelas que estão nesta rede percebem que estão indevidamente enredadas, mas parece não haver uma certa e evidente rota de fuga. Entretanto, uma criança pode ser “ele” (masculino) sem necessariamente ser um homem. Além disso, a tradução pode igualmente ser lida assim: “... uma criança de Adão para que você se importe com ele/ela?” Ou “...crianças de Adão para que você se importe com elas [them]”. Mbachu tem salientado que *man* é uma sinédoque – uma figura de linguagem na qual a parte de uma coisa é usada para representar o todo ou o todo é usado para a parte – e ele está excepcionalmente correto. Por que então ele não está feliz que “criança” e “humanity” (o todo) seja usado para representar as partes? Se “filho” é uma sinédoque válida, por que “filha” não pode ser também? Na sua teologia desconexa ele esqueceu que Cristo significa “o ungido de Deus”, e a Igreja tem ungido mulheres nos sacramentos do batismo, confirmação e extrema unção tanto quanto consagrando as irmãs das congregações. A essência da eucaristia é para que aquele que receba estabeleça uma união com Cristo e as mulheres não são negadas a participar

⁵ Ibid, p. 41

disto. Uma curiosa questão aparece. Que imagem configura Cristo às mulheres que com ele estabelecem união? O Cristo que as pessoas veem nas freiras possui uma aparência masculina? Está escrito que Jesus Cristo tornou-se um sujeito de lei a fim de salvar os sujeitos da lei. São Paulo “era todas as coisas para todos os homens” a fim de salva-los. Se é necessário se identificar com as pessoas que se quer salvar, e se a mulheres estão no plano de salvação de Deus, alguém poderia realmente provar que Cristo abominaria assumir a imagem de suas filhas, a fim de salvá-las? Ele não dignificou-se a assumir a forma de pão e vinho - transubstanciação? Nós devemos apreciar o fato de que as freiras em questão estavam rezando reflexivamente, não mecanicamente. Elas perceberam que são filhas e não filhos, e que suas preces seriam mais pessoais, significativas e mais autênticas se elas se voltassem à Deus tal como são, e não do jeito que não são. Tudo é para sua glória, porque Ele os criou desta maneira. “Deus não tem favoritos”, e não tem nada contra as mulheres.

Essas polêmicas podem parecer diversionistas, mas são parte muito significativa da discussão, porque elas representam a mentalidade da maior parte dos homens africanos, especialmente do filósofo e outrora Presidente de Senegal, L. S. Senghor, e o poderoso escritor literário Chinwizu. Homens africanos acham difícil admitir que a mulher africana é oprimida, porque provavelmente desejam evitar serem taxados opressores.

Filosofia Ginista

“A postura etnocêntrica masculina – a crença em uma intrínseca superioridade do homem sempre associada por sentimentos de desprezo pelas mulheres – levou à sociedade a ética de dividir e ordenar, a ética do pode estar certo, e do vencedor leva tudo, a ética da dominação e subjugação.” “Mulheres ao redor do mundo parecem estar dizendo que a exploração alcançou seu clímax e que algo drástico deve ser feito para que isso se interrompa. Esta é a razão para a explosão de teorias emancipatórias e movimentos de mulheres no século. Isso é direcionado à remoção de atitudes e práticas que preservam desigualdades, baseadas na presunção de que homens são superiores às mulheres.

Muitos posicionamentos e teorias diferentes emergiram ao longo da luta. Numa casca de noz, aqui está a essência de algumas delas. O feminismo radical prefere boicotar os homens completamente em predileção ao lesbianismo, dado que estar numa relação com um homem rebaixaria a mulher. A cama começa a simbolizar a metáfora de um altar aonde a mulher é sacrificada. Então, uma feminista radical rejeitaria o casamento para manter sua liberdade e dignidade. O feminismo liberal não é adverso a homens e casamento, mas o é quanto a maus princípios.

Feministas liberais lutam por uma sociedade igualitária, na qual haverá direitos iguais para homens e mulheres. Para o ginismo, a questão da mulher é um problema complexo, e isto está além do feminismo. Ginistas buscam emancipação não apenas da dominação masculina, mas também da dominação estrangeira e do neo-colonialismo. Para elas, a tão comentada era pós colonial é uma ilusão, isto não existe, porque o colonialismo é um processo em curso. Os fantasmas do neo-colonialismo são tão assustadores quanto os males do período colonial. A independência da bandeira sem a independência econômica é uma farsa. Dada a opção, elas prefeririam botar em segundo plano o sexismo para combater o racismo e a hegemonia ocidental primeiro, pois enquanto a África permanecer em cativeiro, a emancipação de suas mulheres nunca será total.

Nós intitulamos esse trabalho “filosofia ginista” em vez de “filosofia feminista” precisamente porque as mulheres africanas não gostam de ser associadas ao radicalismo que odeia homens que caracteriza o feminismo ocidental. Além disso, mulheres ocidentais são supremacistas brancas. Elas não sofrem do racismo que esgota o âmago africano. Ao contrário, como Bell Hooks corretamente apontou, elas se juntam a seus homens para perpetuar o ódio racial, o preconceito de classe, e para explorar e oprimir a raça negra, justamente enquanto mulheres africanas se unem a seus homens na luta contra o imperialismo ocidental, o capitalismo e o racismo. Nós, mulheres africanas, encaramos o sexismo e o racismo capitalistas como dois lados da mesma moeda. Cara ou coroa, nós perdemos, enquanto nossa contraparte ocidental perde com relação ao sexismo, mas supera no racismo e nas desigualdades dos ganhos do capitalismo. Assim, falta paridade entre as mulheres da África e do ocidente.

O posicionamento duplo da mulher branca, como amiga e inimiga, camarada e opressora, também faz com que seu feminismo seja inaceitável para a mulher africana. Por isso, preferem ser identificadas como mulheristas ou femealistas, por falta de termos melhores, já que até mesmo em *womanism*, [mulherismo] *man* [homem] está lá, e em *femalism* [femealismo], “male” [masculino] está também. Justamente por essa razão cunhei o termo “ginismo”.

Quem, então, é a ginista? A ginista é a mulherista africana no continente. Ginista é uma mulherista, mas não necessariamente a mulherista uma ginista. Uma mulherista, de acordo com Alice Walter, é uma feminista negra, uma feminista de cor comprometida com a sobrevivência e integridade de todo um povo, macho e fêmea, mas que ama a si mesma, no entanto. Em outras palavras, o mulherismo atravessa continentes para abraçar não apenas os negros africanos, mas também as mulheres negras da diáspora africana, bem como outras não brancas.

Experiência não é sinônimo de cor, e as mulheres negras da diáspora africana tem uma peculiar experiência com relação à traição, indiferença, chicote e correntes, sopa pública, etc. As

mulheres negras da diáspora encaram o racismo cruel diariamente, enquanto isto é uma situação ocasional para suas irmãs do continente. Exceto pelo racismo estrutural construído nas estruturas educacionais, religiosas, políticas e econômicas, uma mulher africana, que não viaja para o oeste ou sul da África, pode não vivenciar o racismo na sua forma bruta. A experiência das mulheres negras na diáspora africana produz uma categoria peculiar a esta situação. Elas têm sua própria História a escrever, suas próprias histórias para contar. Algumas delas ainda estão ressentidas pelas pessoas do continente, devido a assistência que alguns africanos inescrupulosos deram aos colonizadores brancos durante o tráfico de escravos no transatlântico. Alguns africanos que viajam à América estabelecem aproximação mais facilmente com homens e mulheres brancas do que com alguns americanos negros. Elas têm toda razão de estarem ressentidas, pois uma vez traídas, muito mais cautelosas.

Talvez o continente as deva um pedido de desculpa por essa atrocidade histórica. Elas devem estar pensando: “Por que nossos irmãos, que ajudaram a nos alienar, agora nos seguem até aqui para rastejar pelas migalhas que caem da mesa do senhor?”⁶ Por isso nós pensamos ser inapropriado misturar as questões de todas as mulheres negras, e por esse motivo o termo “ginismo” refere-se a mulheres africanas que residem no continente.

O ginandrismo simpatiza com as mulheres, porque ao que tudo indica, a Terra é o mundo dos homens, e mulheres não recebem um tratamento justo neste planeta. Embora ginandristas sejam homens, eles deixam isso para trás e tentam ajudar na luta da mulher, ao menos através de críticas literárias.

Outros movimentos emancipatórios das mulheres, como Better Life, Family Support, Poverty Alleviation Programmes desaprovam o modo como os homens nigerianos tratam suas mulheres, mas sendo medidas governamentais, idealizadas pelas esposas dos chefes de Estado da Nigéria, pode-se não querer tocar este barco adiante.

Eles tomam a situação da mulher, como emancipação econômica, campanhas de esclarecimento e políticas de conscientização, enquanto o mais ressentido movimento mulherista, WRAPA, se preocupa com aspectos da legalidade. Entretanto, todos os movimentos de mulheres, feminismo, mulherismo, ginismo, femealismo, ginandrismo, *Women on the Move*, *Better Life For Rural Women Programme*, *Family Support Programme* (FSP), *Family Economic Advancement Programme* (FEAP), *Poverty Alleviation Programme* (PAP), WRAPA, etc são como uma polifonia de vozes. Eles estão transmitindo a mesma mensagem, usando diferentes veículos, frequências e expressões. Eles têm uma questão central.

⁶ Embora raiva, amargura e ressentimento não resolvam problemas.

A questão é “Mulher, quem é você?”. Autoconhecimento é a questão central destes “ismos”. Autoconhecimento é necessário porque “uma vida não refletida não é uma vida que valha a pena”, diz o sábio Sócrates. Uma identidade própria e uma imagem positiva de si mesmo é necessário para uma vida significativa. Portanto, é apenas razoável que a mulher seja solicitada quanto a sua inteligibilidade máxima ou seu significado definitivo. Como ele é existencial, a mulher não pode continuar a viver como se não possuísse um valor intrínseco, ou seja, como se perdesse o valor de si mesma. Em outras palavras, ela tem um valor utilitário, com o propósito na vida de apenas servir ao “outro”. A cultura ou a longa tradição torna difícil para a mulher se definir independentemente dos papéis e noções atribuídas a ela. Ela precisa emancipar não apenas a si mesma, mas também a população masculina, porque a inabilidade dos homens para abrir mão de algo é um sinal de imaturidade psicológica, insegurança, orgulho e preconceito.

Em seu trabalho *The Grounding of Modern feminism*, Nancy F. Cott articulou o problema desta forma: “Minha definição de feminismo tem três componentes. O primeiro é a crença no que se refere por igualdade de sexo, que pode ser mais facilmente entendido, ao contrário, como oposição à hierarquia de sexo. Segundo, o feminismo pressupõe que a condição das mulheres é socialmente construída, ou seja, historicamente moldada pelo comportamento social humano, ao invés de predestinada por Deus ou pela natureza. Terceiro, a convicção de que a posição social construída das mulheres nos situa num mesmo terreno permite que a consciência e comunidade de ação entre mulheres impulse mudanças. Este é o ponto crucial do problema. A hierarquia de gênero não dá a menina folego suficiente para a mobilidade social ascendente. O poder tem sido concentrado nas mãos dos homens por tanto tempo que agora é visto como natural e dado por Deus para que domine todo o resto de sua criação, incluindo a mulher. Os homens estão tão habituados a isto que qualquer coisa que sugira o contrário não é recebida gentilmente. Mas a ideia primordial do ginismo é rever a posição subordinada das mulheres projeto das coisas e lutar lado a lado com os homens africanos pela independência do continente dos grilhões da hegemonia ocidental. Acima de tudo, as ginistas tem a tarefa de provar que o condicionamento social, papéis e comportamentos que foram atribuídos são amplamente levados em conta como o que se conhece da natureza da mulher.

Conclusão

Não é fácil reeducar uma sociedade há muito doutrinada, mas precisamos refletir sobre os tempos. É um fato da vida ao qual muitos resistem em mudar, por causa do medo do desconhecido. Mas enfim, a injustiça não é boa para ninguém, e “justiça atrasada é justiça negada”. Muitos podem até falhar em perceber a injustiça em questão, porque ela foi construída na estrutura das nossas instituições sociais e seu longo uso tem a tornado habitual. A injustiça

estrutural é difícil de erradicar, pois isto significa destruir algumas cobiçadas instituições. Mas enfim, sempre que uma casa é reconstruída, ela se torna mais estética e mais moderna. Por isso, não devemos ter medo de modernizar as instituições humanas.